



PLANO DE AULA: UMA PROPOSTA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Lidiane Pereira da Silva¹

Flávia Roldan Viana²

Resumo

Este artigo discute um dos aspectos da prática docente que é o planejamento da aula, a partir da proposta de um plano de aula inclusivo. O estudo de caráter exploratório partiu da análise de um relato de experiência. A ferramenta escolhida foi o *Google Docs*, por permitir editar o plano de forma compartilhada identificando as dificuldades de aprendizagem escolar de cada aluno, construindo um planejamento pautado na eliminação destas barreiras. Os resultados apontam que o plano de aula inclusivo colaborativo pode vir a gerar um melhor planejamento da aula, contemplando as especificidades de aprendizagem do aluno com deficiência.

Palavras Chave: Prática docente. Planejamento. Plano de aula. Inclusão. Surdo.

INTRODUÇÃO

Para desenvolver sua atividade de ensino, o professor é responsável pelo planejamento de suas aulas. Pelo caráter heterogêneo das salas de aulas, cada turma, cada ano, remete a uma situação didática singular, única. Dessa forma, o professor precisa responder as demandas relacionadas a aprendizagem do aluno com a organização do seu ensino, pensada ano a ano, dia a dia. Um aprendizado contínuo que acontece na práxis (GOERGEN, 2000).

Diante do atual cenário de isolamento social causado pelo Covid-19, os educadores se viram inclinados a desenvolver estratégias criativas para atender as novas demandas surgidas pelo ensino remoto. Esta necessidade levou os educadores a refletirem sobre ferramentas tecnológicas, afim de encontrar soluções inovadoras para realizar o planejamento das aulas e continuar lecionando os seus conteúdos de forma remota, mas de maneira eficaz.

1 Graduanda Curso de Letras/Libras | UFRN | lidianepereira404@gmail.com

2 Professora do Departamento de Práticas Educacionais e Currículo | Universidade Federal do Rio Grande do Norte | flaviarviana.ufrn@gmail.com



Organizado o planejamento de ensino, o professor deverá, então, preparar seus planos de aula que o guiarão em seu fazer pedagógico. Importante destacar, nesse sentido, pesquisas feitas por Leontiev (1981), Libâneo (2004), Viana e Barreto (2014), que demonstram que a aprendizagem do aluno está estreitamente ligada à como o professor ensina. O planejamento das aulas é uma prática de ensino que requer do professor a previsão de ações, o estabelecimento de metas e os meios para alcançar o que foi planejado. Entretanto, no contexto da educação inclusiva é preciso que esse planejamento atenda as especificidades do público-alvo da educação especial.

Compreendendo que a atividade de ensino do professor envolve não só a transmissão de conhecimentos, pois é uma atividade que, também, preocupa-se com a formação do aprendente, Leontiev (1981) distingue o significado da atividade cunhado em sua teoria do termo “atividade” do senso comum. Enquanto no senso comum o termo refere-se a uma tarefa a ser executada ou um exercício, o teórico coloca que a atividade são os processos “[...] psicologicamente determinados pelo fato de que aquilo para que tendem no seu conjunto (o seu objeto) coincidir sempre com o elemento objetivo que incita o paciente a uma dada atividade, isto é, com o motivo (LEONTIEV, 1978, p.315).

Dessa forma, essa discussão está ancorada nos pressupostos da perspectiva da Teoria da Atividade de Leontiev, em especial na ideia de que a atividade de ensino do professor deve ter como foco a atividade de aprendizagem do aluno, o que viabiliza a organização da atividade psíquica. Assim, o processo de ensino e aprendizagem é assumido como um processo mediado, que possui três pilares fundamentais: a motivação, para o ato de ensinar e aprender; as ações, que são os procedimentos de como mediar o conhecimento; e as operações, que são os instrumentos auxiliares de ensino, adequados a cada ação, que refletem na busca de um ensino e uma aprendizagem efetiva.

Frente a esses desafios que se apresentam, propomo-nos, neste artigo, a analisar o planejamento da aula, a partir da proposta de um plano de aula inclusivo colaborativo. Temos como objetivo específico problematizar as condições de realização do ensino direcionadas a alunos surdos no contexto



inclusivo diante do cenário de isolamento físico conectado com o universo virtual. Nesse sentido, utilizar ferramentas digitais com criatividade durante o planejamento das aulas remotas – ou não –, revela-se como estratégia fundamental, uma vez que os aprendentes absorvem e reproduzem as novidades do mundo virtual e se inserem com facilidade nesse âmbito de informação e comunicação digital, desafiando o professor a buscar meios cada vez mais criativos e interativos para o desenvolvimento das suas aulas.

METODOLOGIA

Esta pesquisa se desenvolveu de forma exploratória, descritiva com abordagem qualitativa, de paradigma interpretativo, e foi desenvolvida no cenário do Curso de Letras/ Libras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte com a participação de alunos das disciplinas de Didática e Estágios Supervisionados.

A coleta de dados deu-se através de anotações feitas em um diário de campo e o plano de aula inclusivo colaborativo desenvolvido no âmbito das disciplinas através do *Google Docs*, ferramenta que permite a criação de conteúdos de forma colaborativa e oferece inúmeras possibilidades de realização de atividades. Além de fácil manuseio, o *Google Docs* têm sido um grande aliado no momento do planejamento das aulas, podendo ser utilizado a qualquer momento e em qualquer dispositivo, oferece maior flexibilidade e autonomia para a criação de um plano de aula colaborativo.

Tal ferramenta vem se destacando como um dos principais canais pedagógicos para os docentes, isso porque apresenta familiaridade com o *Microsoft Word - software* editor de textos muito utilizado por várias pessoas nos mais diversos âmbitos. Além disso, os professores podem criar oportunidades de aprendizagem incentivando a colaboração e forma criativa, desafiando os alunos a pensarem de forma crítica e autônoma. Seja *on-line* ou *off-line*, o *Google Docs* auxilia nas atividades e simplifica o feedback entre professor-professor ou professor-aluno de maneira eficaz.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

A elaboração de um plano de aula requer tempo e disposição docente. Entretanto, importa lembrar que a ausência de um processo de planejamento de aulas tem levado a sucessivas improvisações pedagógicas. O que reflete, de forma mais contundente, no contexto da educação inclusiva. Com práticas homogeneizadoras, com foco no aluno sem deficiência, a não aprendizagem pelo alunado público-alvo da educação especial torna-se evidente.

Diante disso, graduandos surdos e não surdos junto a professora regente das disciplinas de Didática e de Estágios Supervisionados do Curso de Letras/Libras da UFRN, discutiram a elaboração de um instrumento que desse subsídios para a realização de uma boa aula no contexto inclusivo, e que pudesse ser elaborado de forma colaborativa com professores regentes, professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e professores tradutores/intérpretes de Língua de Sinais (TILS), ou seja, de Libras (Língua Brasileira de Sinais).

O plano de aula inclusivo elaborado é dividido em quatro blocos: Identificação, Plano de aula, Procedimentos didático-metodológicos e Referências. O primeiro bloco – Identificação – refere-se aos dados da turma. Nesse primeiro bloco, o professor deve identificar nome da escola, a disciplina, o ano escolar, a turma e se a turma possui aluno com deficiência. Porém, nesse bloco sentimos a necessidade de identificar se a escola possui recursos de acessibilidade, Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) e quais as estratégias de promoção de aprendizagem utilizadas em sala de aula.

No contexto da educação inclusiva esses tópicos são fundamentais para que possamos atender as especificidades de aprendizagem de nossos alunos. São diferentes modos de realizar uma ação, ou seja, são as operações, que “[...] são os meios indispensáveis para a realização das ações, as quais, por sua vez são indispensáveis para a efetivação da atividade” (VIANA e BARRETO, 2014, p. 59).

O segundo bloco – Plano de aula – orienta o professor a pensar no tema de sua aula, mas com foco não apenas em conteúdo conceitual, mas nos



conteúdos procedimentais e atitudinais, tendo em vista que no contexto da educação inclusiva o processo de aprendizagem não se beneficia apenas da compreensão conceitual, mas de todas as nuances didático-pedagógicas envolvidas, como o trabalho em grupo, os passos realizados para a execução de uma tarefa, entre outras. Dessa forma, além do professor registrar o tema e os objetivos da aula, ele deve indicar outras informações importantes para o desenvolvimento da mesma.

Alinhado a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da educação o bloco orienta o professor a pensar nas habilidades e competências que deseja atingir com sua aula a partir do tema, da pergunta essencial da aula e das palavras chaves. Alunos surdos possuem dificuldades de aprendizagem ligadas a exposição restrita de experiências ou dificuldades de compreender aspectos culturalmente transmitidos quanto ao conhecimento (VIANA e BARRETO, 2014). Dessa forma, se a aula é direcionada de forma mais objetiva e visual, com uso de palavras-chave e perguntas o aluno consegue direcionar seu foco. Esse bloco permite, também, que o professor identifique a utilização de Tecnologias Assistivas, Objetos Educacionais Digitais ou outros Recursos didático-pedagógicos, sinalizando quais as estratégias mediadoras a serem utilizadas para trabalhar o conteúdo. Considerando que o aluno com deficiência precisa de uma proposta de trabalho que desperte interesse, auxilie na construção do conhecimento e que estimule não só a memorizar conteúdos, mas também a estabelecer relações, a escolha dos recursos a serem utilizados exerce papel fundamental. As aulas, então, devem ser extremamente ricas visualmente, sem recursos desnecessários, mas contextualizados (NUNES et al, 2011; VIANA e BARRETO, 2014).

O bloco 3 – Procedimentos didático-metodológicos, orienta o professor a descrever como se desenvolverá a aula, deixando claro que atividades pedagógicas serão desenvolvidas para promover experiências de aprendizagem e quais serão as formas de registro da avaliação. Oliveira e Campos (2005) colocam que na educação especial há dois eixos importantes no que se refere aos objetivos de uma avaliação: i) avaliação específica e a ii) avaliação compreensiva ou de acompanhamento, que justificam a “[...] necessidade de



procedimentos específicos para o acompanhamento da trajetória escolar do aluno” (p. 75). O último bloco refere-se as referências, fundamentais na elaboração de um plano de aula.

Organizado o plano de aula inclusivo, foram elaborados planos de forma colaborativa entre os graduandos com foco no ensino de língua portuguesa como L2 (segunda língua) para surdos. A ferramenta escolhida foi o *Google Docs*, por permitir editar o plano de forma compartilhada. O planejamento da aula de forma compartilhada contribui para identificar barreiras que dificultam a aprendizagem escolar e consolida um novo paradigma educacional que se baseia no multiculturalismo e na diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os momentos de discussão acerca do plano de aula junto a graduandos surdos e não surdos possibilitaram a compreensão da importância da organização do ensino e nos encaminhou para a elaboração de um plano de aula que possa vir a contribuir com as especificidades dos alunos com deficiência, proporcionando espaço de troca e reflexão pela cumplicidade das narrativas. Além de representar um desafio para a prática docente, o plano de aula é o caminho para que a atividade de ensino do professor possa vir a ser a atividade de aprendizagem do aluno.

O uso de ferramentas digitais na educação é de suma importância não só para dinamizar o processo de ensino e aprendizagem, como também estimular a reflexão e a criatividade dos sujeitos envolvidos, contribuindo para que professores estejam cada mais atentos e inclinados às novas formas de planejar e refletir. A cultura digital apresenta possibilidades de participação e interação de maneira diversificada e mescla multiletramentos de diferentes mundos e culturas e se apresenta como um novo paradigma educativo. Por fim, foram discussões ricas que serão aprofundadas, das quais, professora e graduandos, retiraram algum tipo de aprendizagem sobre si mesma ou sobre o próprio exercício docente.



REFERÊNCIAS

GOERGEN, P. L. Competências docentes na educação do futuro: anotações sobre a formação de professores. **Nuances**, Vol. VI, p. 1-9, 2000.

LEONTIEV, A. N. The problem of activity in psychology. In: WERTSCH, James (org.). **The concept of activity in soviet psychology**. New York: M.E. Sharpe, Inc., 1981.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5. ed. Goiânia: Editora Alternativa, 2004.

OLIVEIRA, A. A. S., CAMPOS, T. E. Avaliação em Educação Especial: o ponto de vista do professor de alunos com deficiência. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 16, n. 31, jan./jun. 2005

VIANA, F. R; BARRETO, M. C. **O ensino de matemática para alunos com surdez: Desafios docentes, Aprendizagens discentes**. Curitiba, PR: Editora CRV, 2014.